



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE PEDAGOGIA

PATRÍCIA FERREIRA DE SOUSA

**A IMAGEM DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE
HISTÓRIA APÓS A LEI 10.639/03**

TOCANTINÓPOLIS
2022

PATRÍCIA FERREIRA DE SOUSA

**A IMAGEM DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE
HISTÓRIA APÓS A LEI 10.639/03**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – câmpus Universitário de Tocantinópolis, curso de Pedagogia para obtenção do título de Licenciada em pedagogia e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.
Orientador: Prof. Dr. Mauro Torres Siqueira

TOCANTINÓPOLIS

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S725i Sousa, Patrícia Ferreira de.

A imagem do negro no livro didático de História após a lei 10.639/03. / Patrícia Ferreira de Sousa. – Tocantinópolis, TO, 2022.
52 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de
Pedagogia, 2022. Orientador: Mauro Torres Siqueira

1. Lei nº 10.639/03. 2. População negra. 3. Livro didático de História. 4.
Análise das imagens. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha
catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

PATRÍCIA FERREIRA DE SOUSA

**A IMAGEM DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA
APÓS A LEI 10.639/03**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – câmpus Universitário de Tocantinópolis, curso de Pedagogia para obtenção do título de Licenciada em pedagogia e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora. Orientador: Prof. Dr. Mauro Torres Siqueira

Data de Aprovação 12/08//2022

Prof. Dr. Mauro Torres Siqueira (Orientador)
Universidade Federal do Tocantins

Prof. Me. Antônio Fernandes Góes Neto (examinador)
Universidade Federal do Tocantins

Profa. Dra. Janaína Ribeiro de Rezende (examinadora)
Universidade Federal do Tocantins

TOCANTINÓPOLIS
2022

Dedico essa conquista primeiramente a Deus e a toda minha família, por serem meus incentivadores e responsáveis pelas minhas vitórias e dedico também a todos da raça negra que por ventura vierem ler esse trabalho. E esperamos que esta pesquisa contribua de alguma forma para dar visibilidade à importância das referências e imagens desses povos ou de outras etnias nos livros didáticos.

AGRADECIMENTO

A Deus, primeiramente, por me dar saúde, para que eu pudesse enfrentar as dificuldades que não foram poucas e me fazer vencer e concluir meu curso de graduação tão almejado.

Agradeço imensamente ao meu orientador, professor Dr. Mauro Torres Siqueira, pelo apoio e paciência que teve para comigo, pois a minha trajetória não foi concluída rapidamente como o esperado, obrigada pelas orientações, sempre muito atencioso, muito obrigada de coração.

Agradeço carinhosamente a uma pessoa muito especial para mim, que amo demais, minha mãe Leonildes Ferreira, uma pessoa humilde, amável, carinhosa, dedicada, atenciosa e guerreira que sempre batalhou sozinha para criar a mim e meus três irmãos. Ao meu querido pai Manoel Antônio, que mesmo estando distante sei que torce pelo sucesso de seus filhos.

Agradeço também aos meus irmãos que são minhas bases, meus portos seguros e que amo demais, Elissandra, a amável, Clêdson, o chefão e Leidiane, minha cúmplice.

Aos meus filhos, que são meu coração em outro corpo, Theyson Patrik e Guilherme, por serem pessoas carinhosas e compreensíveis, me ajudando nos afazeres para que eu pudesse me dedicar aos estudos. Ao meu esposo Jailson Brito, por estar presente me dando suporte e cuidando dos filhos para que eu pudesse seguir com a vida acadêmica, muitas vezes deixando-os para viajar em atividades acadêmicas, obrigada por tudo. Agradeço também as minhas sobrinhas, Amanda Emanuelle, Maria Laura, Natasha Cristina, Maria Clara, meu sobrinho, Victor Hugo e minha cunhada Giliane. Agradeço as amigas que a faculdade me proporcionou o prazer de conhecer e que quero levar para a vida toda, em especial minha amiga Karina, que me ajudou em momentos muito difíceis, tanto na vida acadêmica, quanto na vida pessoal, como também minhas amigas, Laura, Raquel, Dermeciana e Alexandra Matos.

Agradeço também aos meus vários amigos e também a todos os familiares que torceram pela concretização desse sonho.

Agradeço também a todos os professores e colaboradores que direta ou indiretamente me ajudaram.

*“Ninguém nasce odiando outra pessoa
pela cor de sua pele ou por sua origem,
ou sua religião. Para odiar, as pessoas
precisam aprender.*

*E se podem aprender a odiar, podem
ser ensinadas a amar, pois o amor
chega mais naturalmente ao coração
humano do que o seu oposto. A
bondade humana é uma chama que
pode ser oculta, jamais extinta”*

Nelson Mandela

RESUMO

O âmbito desse trabalho está sob a perspectiva da compreensão racial, no que concerne à valorização do negro e de sua cultura referente ao tratamento dado a sua história no livro didático. Será avaliado nesta pesquisa se houve a implementação das diretrizes previstas pela Lei nº 10.639/03, verificando assim se está sendo seguido e respeitado o que a lei propõe. Para tanto, a metodologia utilizada é de cunho qualitativo, com o enfoque em analisar a imagem do negro contida no livro didático. Neste estudo documental foi analisado um livro didático de história do 5º ano do Ensino Fundamental da Editora Ática em sua primeira edição do ano 2016 a 2018, escrito pelas autoras Maria Elena Siminelli e Anna Maria Charlier. O livro analisado é composto por 168 páginas, dividido em quatro unidades, cada uma contendo dois capítulos, pertencente ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). O mesmo é utilizado em uma escola pública municipal de Tocantinópolis - TO. O interesse por essa temática justifica-se pela minha trajetória enquanto universitária engajada em programas de iniciação à docência e também como futura docente. Em relação a obra analisada, considera-se que o livro cumpre com o exigido na legislação. Conforme destacado na análise, há imagens que reforçam estereótipos, mas trata-se de aspectos históricos cabendo ao professor chamar a atenção dos alunos para que estes aspectos a fim de desconstruir estereótipos. Verificou-se que no livro há a presença de 355 imagens. Dessas, 284 pessoas são negras. Consideramos que poderiam ter mais imagens de pessoas negras em posições sociais e em profissões valorizadas em maior número. Mesmo não atendendo nossa expectativa, consideramos que o material analisado compreende um grande avanço diante do cenário anterior a Lei 10.639/03.

Palavras-chave: Lei 10.639/03. Livro didático. Imagens. População negra.

ABSTRACT

The scope of this work is from the perspective of racial understanding, regarding the appreciation of black people and their culture regarding the treatment given to their history in the textbook. It will be evaluated in this research if there was the implementation of the guidelines foreseen by Law nº 10.639/03, thus verifying if it is being followed and respected what the law proposes. Therefore, the methodology used is qualitative, with the focus on analyzing the image of black people contained in the textbook. In this documentary study, a history textbook of the 5th year of elementary school from the publishing house Ática was analyzed in its first edition from 2016 to 2018, composed of sixty-eight pages divided into four units containing two chapters, written by the authors Maria Elena Siminelli and Anna Maria Charlier belonging to the National Textbook Program (PNLD), the same is used in a municipal public school in the city of Tocantinópolis-To. The interest in this theme is justified as a university student engaged in teaching initiation programs and also as a future teacher. In relation to the analyzed work, it is considered that the book complies with the requirements of the legislation. As highlighted in the analysis, there are images that reinforce stereotypes, but these are historical aspects and it is up to the teacher to draw students' attention to these aspects in order to deconstruct stereotypes. It was found that in the book there are 355 images. Of these, only 284 people are black. We consider that they could have more images of black people in social positions and in more valued professions. Even not meeting our expectations, we consider that the material analyzed comprises a great advance compared to the scenario prior to Law 10,639/03.

Key words: Law 10.639/03. Textbook. Images. Black population.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Capa do livro.....	26
Figura 2- Crianças.....	29
Figura 3- Sala de aula/professora.....	31
Figura 4- As primeiras formas de trabalho.....	33
Figura 5- Negros aprisionados na África.....	34
Figura 6- Preparação da farinha de mandioca.....	36
Figura 7- Negros de ganho.....	38
Figura 8- Ama de leite.....	40
Figura 9- Plantação de açúcar.....	41
Figura 10- Indústria de tecidos Matarazzo.....	42
Figura 11- Professora e alunos.....	44
Figura 12- Figura 12 Antonieta de Barros.....	45
Figura 13- Mercado Central de Fortaleza-PA.....	46
Figura 14- Dança Lundu.....	47
Figura 15- Grupo de colegas.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
DRE	Diretoria Regional de Ensino
LD	Livro Didático
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
SEPPIR	Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TO	Tocantins
UFT	Universidade Federal do Tocantins
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 ENFOQUE SOBRE O NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO SOB A PERSPECTIVA DO CONTEÚDO RACIAL.....	16
3 AS MUDANÇAS NAS LEIS E AS CONQUISTAS DO POVO NEGRO.....	18
3.1 A Lei 10.639/03 e as mudanças no livro didático.....	20
4 O PERCURSO DO LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL E SUA RELAÇÃO COM A PROPOSTA DO PLANO NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO (PNLD).....	21
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA.....	24
5.1 Conhecendo o livro didático de história.....	24
5.2 As imagens iconográficas dos negros.....	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica e documental que teve, a priori, a leitura de referências que abordam sobre o tema “a imagem do negro no livro didático”. Os autores apontados nesta pesquisa desencadeiam um olhar reflexivo acerca da questão racial, considerando a importância do assunto para os indivíduos, em específico, os alunos do Ensino Fundamental, sendo uma importante esfera de escolarização, sendo um período significativo no processo de formação de identidade. Esta pesquisa é centrada na Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003), pois a mesma altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), tornando obrigatório inserir no currículo do Ensino Fundamental e Médio o ensino de “História e Cultura afro-brasileira e Africana” nas instituições públicas e particulares.

O foco principal da pesquisa é a análise de conteúdo imagético e bibliográfico em um livro didático de História do 5º ano do Ensino Fundamental da Editora Ática, da Coleção Projeto Ápis de 2016 a 2018.

Com o objetivo de analisar um livro didático de História, nos valem de elemento da análise de conteúdo, a qual é uma técnica metodológica das ciências sociais, utilizada para analisar textos e imagens partindo da perspectiva qualitativa. O intuito do nossa pesquisa é trazer o negro como agente ativo na história; especificar as representações e significados da figura do negro no material didático; discutir sobre o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD); discutir sobre o papel da escola na desconstrução do preconceito; refletir sobre o ensino de História da África e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Franco (2005) vem dizer que, o ponto de partida para “[...] a análise de conteúdo é a mensagem, seja ela (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental, ou diretamente provocada[...]”. Neste sentido, analisar o livro didático é importante para que se possa entender as narrativas da construção histórica das representações do negro, a partir de imagens e textos sobre os mesmos e como a história é transmitida.

Para uma melhor compreensão desse conceito, os autores Negrão e Pinto vêm afirmando que:

Nada mais é do que uma leitura que se faz dos textos e ilustrações presentes nestes livros com determinados cuidados, isto, através da categorização de partes da mensagem contida nos textos e ilustrações, a fim de desvendar significados, inclusive, significados pouco claros”. (NEGRÃO; PINTO, 1990).

Com a análise, buscamos saber se de fato houve alguma mudança na representação social do negro no livro didático. No intuito de auxiliar o entendimento dos leitores, usaremos o conceito, que segundo Moscovici apud Silva (2011, p.31), “considera que as representações sociais constituem-se no senso comum dos indivíduos, elaborado a partir de imagens, crenças, mitos e ideologias”. Consonante a esta afirmativa, analisaremos informações em relação aos negros no livro didático por meio da análise de conteúdo, para então tentar entender se houve a mudança no que concerne a construção da representação social do negro no contexto estudado.

A metodologia do referido trabalho é de natureza qualitativa, que se dá por meio de pesquisa bibliográfica e documental relacionada à temática, no intuito de analisar as imagens contidas em livro didático por nós selecionado.

Verificamos aspectos étnico-raciais, com ênfase nos estereótipos e preconceitos relativos a população negra veiculados no livro, tendo em vista que ele é utilizado nas escolas locais. Em um segundo momento discutimos se no livro didático houve ou não mudança a partir da lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História da África e dos afro-brasileiros, onde propõe que o negro seja representado dentro da história da sociedade brasileira como construtor da nação, sendo assim uma figura principal na construção do país, não cabendo posturas discriminatórias.

Portanto, questões sobre desigualdades raciais devem ser abordadas, uma vez que o diagnóstico de uma cultura arraigada de preconceitos já está posto no cotidiano, de forma visível e que não pode ser ocultada, principalmente nas instituições de ensino.

Todavia, na sociedade brasileira contemporânea, especificamente nos espaços escolares, por vezes, livros didáticos podem contribuir com esse processo, afirmando estereótipos inferiorizantes do negro.

A nossa intenção com esse trabalho é saber se de fato houve mudanças significativas, como também poder contribuir com estudos posteriores sobre a representação dos negros em livros didáticos.

A priori, a pesquisa em questão era para ser uma análise documental em dois exemplares de livros didáticos de história, ambos do 5º ano do ensino fundamental, sendo que um exemplar publicado antes da promulgação da Lei 10.639/03 e outro após a lei.

No entanto, não foi possível realizar a referida pesquisa devido à dificuldade de encontrar um exemplar de material didático de História antes da referida lei. Procuramos em três escolas, como também na Diretoria Regional de Ensino (DRE) da cidade de Tocantinópolis.

Por isso, ficamos então a cargo de analisar somente um exemplar após a lei.

Nesta pesquisa, os procedimentos utilizados foram a pesquisa documental e a análise de conteúdo, que é a principal base deste estudo, pois se assenta nas conjecturas de concepção crítica e dinâmica da linguagem humana (FRANCO; PUGLISI, 2005).

Para uma primeira análise no livro didático a ser utilizado nesta pesquisa, fizemos um primeiro contato com o material, somente para ter um conhecimento e, posteriormente, começar de fato a analisar com um olhar minucioso e mais atento para a coleta dos dados.

Utilizamos o livro didático de História, adquirido em uma escola pública, o qual foi utilizado pelos alunos. A escolha do exemplar se deu porque é através do livro da disciplina de História que geralmente a História do Brasil é transmitida, não necessariamente, mas na grande maioria das vezes, trazendo a história do negro e sua grande contribuição.

Pensando nisto, é que nos debruçamos na revisão da literatura sobre produções e autores que falam sobre a inserção das imagens dos negros em livros didáticos, de como estão sendo essas representações.

Nessa revisão bibliográfica, optamos por verificar produções acerca do tema sobre a imagem do negro no livro didático nos últimos dez anos. Para nos dar suporte, fizemos uma pesquisa avançada no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no qual foram encontradas trinta e seis produções. Foram feitas as leituras dos resumos e fizemos um afinamento para sabermos quais trabalhos se aproximavam mais da nossa proposta de trabalho. Encontramos somente sete produções sobre a imagem do negro no livro didático, que se adequaram a nossa proposta, que é a de analisar um exemplar de material didático após lei 10.639/03. Pensando nesta proposta, após as leituras dos resumos, como dissemos anteriormente, tivemos que nos debruçar e fazer uma leitura aprofundada nos trabalhos para um olhar mais apurado sobre as produções.

Procuramos também identificar a existência de outras pesquisas nesse âmbito em busca realizada *in loco*, na biblioteca da Universidade Federal do Tocantins (UFT), câmpus de Tocantinópolis e pelo site da biblioteca online. Não foram encontradas produções que se aproximassem do tema desta pesquisa.

Deste modo, a monografia está estruturada em cinco momentos, no primeiro momento uma breve reflexão sobre a representação do negro no livro didático. No segundo momento, uma análise da Lei 10.639/03, suas diretrizes, seus conceitos fundamentais, como também o que trouxe de mudança. No terceiro momento, o percurso histórico do livro didático no Brasil e sua relação com a proposta do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD). No quinto momento deste trabalho, trouxemos as análises e discussões do livro didático de História, assim como as imagens iconográficas dos negros para verificarmos se o livro didático de História dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, adotados nas escolas da rede municipal, trazem as devidas mudanças referente à raça negra, após a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira estabelecidas na Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003).

2 ENFOQUE SOBRE O NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO SOB A PERSPECTIVA DO CONTEÚDO RACIAL

Em revisão da literatura sobre as imagens dos negros em livros didáticos, buscamos pesquisas que apontam a presença do negro e como ele está sendo representado no livro didático. Encontramos várias pesquisas sobre esse tema, como dissertações, teses, dentre outros, feitas por autores que se preocupam com esse assunto.

Os estudos sobre livros didáticos enfocam que o negro foi negligenciado durante décadas, fazendo com que a figura do mesmo não tivesse uma maior importância. Nesse sentido, passamos às produções pertinentes para fazermos um estudo documental.

Dentre nossas referências merece destaque Silva (2011), Barbosa (2005), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (BRASIL, 2005).

Mediante essas leituras, buscamos entender como está sendo representada a figura do negro via imagens, em um livro didático de História das escritoras Simielli e Charlier (2011), adotado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), no período de 2016 a 2018 na cidade de Tocantinópolis. Entendemos que o livro didático é um dos

instrumentos da cultura escolar que possibilita a veiculação de conhecimentos socioculturais aos leitores.

Procuramos elencar alguns autores que tratam do negro em livros didáticos, como Silva (2011), Rosemberg, Bazilli e Silva (2003), como também Negrão e Pinto (1990), destacando também outros autores que nos chamam a atenção para esta questão de representação social do negro, seja através de imagens ou textos.

Tivemos um olhar atento sobre as teses e dissertações, que foram pesquisadas no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), onde os autores que nos chamaram a atenção foram Branco (2005), Russo (2012), Almeida (2013), Souza (2014) e Monteiro (2015).

Tendo em vista a importância dessa temática, vários autores realizaram estudos voltados para esse tema em livros didáticos nos últimos anos. Para Silva (2003), a figura do negro precisa ser desmistificada de forma a torná-la positiva, nota-se que em alguns livros didáticos ainda permeiam imagens de negros em estado de submissão e humilhação em representações.

Rosemberg, Bazilli e Silva (2003), em seus estudos, constataram que eram perceptíveis formas discriminatórias com o povo negro, como por exemplo a ausência de negros nas imagens, ou apareciam de forma menos favorecida com relação ao homem branco na sociedade. Sendo assim, mesmo havendo imagens e textos, esses eram expostos em livros de forma a estereotipar a imagem do negro, como se sua história fosse sem nenhuma importância, deixando-os sempre em estado de inferioridade.

Outros autores também trazem alguns pontos em suas produções, em estudos sobre livros didáticos, que enfocam alguns questionamentos se tratando da figura do negro representadas em livros.

Branco (2005) defende a ideia de colocar o negro nos livros didáticos como papel principal no que se refere a construção da sociedade brasileira, na esteira da Lei 10.639/03.

Russo (2012), chama a atenção para que se possa dialogar sobre a resignificação do negro dentro da história do Brasil e entender a amplitude do conceito das imagens.

Almeida (2013), vem falando das políticas públicas voltada para uma educação referente as relações étnico-raciais, estabelecendo movimentos negros para uma educação antirracistas.

Souza (2014) concluiu que, mesmo havendo mudanças, os livros ainda reproduzem e disseminam o etnocentrismo, onde os negros são desvalorizados perante o branco, prevalecendo uma hierarquia. Mas, reforça que mesmo existindo barreiras e desrespeito à cultura negra dentro da sociedade, como também nas escolas, os avanços alcançados até hoje são importantíssimos quando se trata desse assunto que durante décadas foi menosprezado na sociedade.

Monteiro (2015) vem afirmando em seus estudos que infelizmente as palavras “escravo” e “negro” são utilizados como sinônimos, para definir as pessoas negras como subordinado.

Carvalho (2006) nos chama a atenção para as imagens e maneiras de olhar o negro, dentro do contexto da sociedade brasileira, buscando estabelecer se houve ou não relação entre a lei e a nova proposta curricular para livros didáticos.

Silva (2013), em suas produções, nos diz que os livros didáticos escamoteiam a discriminação a partir dos seus conteúdos, acarretando assim na exploração e a desvalorização da população negra. Apresentando os negros como desvalorizados de forma implícita em imagens e em textos.

Rosemberg, Bazilli e Silva (2003) falam que o maior desafio em se tratando de livros didáticos no Brasil é que ainda verifica-se a permanência de estereótipos, preconceitos e silenciamento da história, da cultura dos personagens negros. Os autores também apontam que nos livros as representações discriminatórias dos personagens negros continuam a ocupar posições de destaque, sendo, portanto, tratados de maneira desigual.

A sociedade em geral tem de se convencer dessas desigualdades sociais, que geralmente são apresentadas nas imagens, pois, combater o racismo significa lutar, mas também se opor às práticas e ideologias, que geralmente são apresentadas como verdade.

3 AS MUDANÇAS NAS LEIS E AS CONQUISTAS DO POVO NEGRO

Fazendo um breve retrospecto acerca da trajetória histórica sobre a questão étnico-racial, verifica-se um passado impregnado de racismo e preconceito. A narrativa oficial camufla as formas de resistência do povo negro, colocando o mesmo como passivo.

Tais perspectivas enfocavam a exclusão e humilhação, ressaltando como os negros eram tratados na colônia de forma desumana e cruel, com castigos corporais e psicológicos, e nega situações de agente e de luta desse povo.

Fazendo um recuo até 1888 com a Lei Áurea, é notável que, de certo modo, a mesma não proporcionou a liberdade aos negros, ou seja, esta foi falseada, pois os negros não obtiveram realmente a “igualdade de direitos”, inclusive de oportunidades de empregos, cargos públicos, pois não saíram das condições de subalternidade ou de criados. Com o passar dos anos, a população negra seguiu resistindo e se organizando em vários movimentos, onde foram surgindo vários movimentos, como por exemplo:

Assim, surgiu no Brasil o movimento da *negritude*, como forma de recusa do negro a qualquer forma de submissão, fazendo valer sua raça e cultura. A *negritude* é expressão de luta e simboliza o rompimento com o passado escravista, que seria substituído por um futuro caracterizado pelo respeito ao homem negro. Expressivo deste momento de afirmação é o Teatro Experimental do Negro, criado por Abdias do Nascimento em 1944, com o objetivo de garantir aos artistas negros espaço para atuar e encenar suas próprias peças. (JACCOUD, 2008, p.57).

Ainda hoje são persistentes as amarras de um passado excludente, no sentido de hierarquizar brancos e negros e de impor uma cultura sobre a outra. Por isso refletir e analisar fatos adormecidos de racismo e preconceito é indiscutivelmente necessário, uma vez que estes atos discriminatórios são crimes assim descritos em lei, como rege a Constituição Federal de 1988.

As mudanças nas leis são conquistas de movimentos advindos de muitas lutas, que visam estabelecer uma igualdade de direitos sem distinção alguma, com vistas a construção da igualdade racial no país. Essa legislação busca promover políticas públicas que garantam de forma qualitativa a integração dos valores de igualdade na promoção e acesso às oportunidades, respeito aos sujeitos de direitos e proteção social, de modo a não serem violados, desnaturalizando as desigualdades raciais e, assim, enfrentando as restrições impostas ao povo negro. Sendo assim:

[...] as demandas por políticas específicas se aprofundaram durante o processo de preparação do Brasil na III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação, Xenofobia e Intolerância Correlata. Sua consolidação como pauta do Movimento Negro levou, em 2003, a criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR. Ao mesmo tempo, foram sendo consolidadas pautas setoriais e começaram a ser desenhadas e implementadas ações e programas nos campos da educação e da saúde, com foco no combate ao preconceito e à discriminação (JACCOUD, 2008, p.63).

O preconceito e a discriminação devem ser erradicados, uma vez que o ser humano deve ser incluído e contemplado com políticas públicas, independentemente da cor de sua pele, pois todos são iguais, ninguém é inferior por causa da cor, todos são cidadãos e seres humanos pertencentes a uma sociedade. Não se deve permitir que seus direitos sejam violados, e, neste sentido a inclusão deve ser promovida a todos.

A implantação da Lei 10.639/2003 nas instituições de ensino proporciona o resgate das contribuições do povo negro na história do nosso país. As secretarias de educação e órgãos competentes pela promoção e aplicação da referida Lei devem viabilizar e disponibilizar materiais didáticos, formações e práticas de ensino promotoras de igualdade no que tange à questão étnico-racial.

A lei tem grande abrangência, abarcando desde o ensino fundamental até o ensino superior. Atinge as crianças nas escolas em momento que estão se socializando e formando seus conceitos e valores, pois a criança desde o início de sua escolarização conviverá com a diversidade.

O Estado deve utilizar o seu poder de modo coercitivo, precisa agir diretamente nas escolas, acompanhando o cumprimento da Lei, investir e promover ações de formação sobre a temática. Dessa forma, a implementação da lei pode promover uma nova perspectiva, contribuir com a construção de um novo modo de pensar e agir, sem discriminação e preconceito.

3.1 A Lei 10.639/03 e as mudanças no livro didático

É importante destacar que até 2003 não havia uma lei federal que estabelecesse a inclusão da história da África no currículo escolar. Dessa maneira, era muito comum encontrar livros escolares que ignoravam a história de luta dos negros brasileiros. Como vem afirmando Silva (2011), ao fazer uma análise sobre a imagem dos negros nos livros didáticos da década de 1980, os negros eram representados nas imagens de forma animalizada e, em muitas das vezes, comparados a macacos, trazendo a história do negro junto a sua imagem em quadro de maus tratos, submissão e humilhação, ajudando a disseminar uma ideia de que os negros pouco contribuíram positiva e significativamente com a História do Brasil, dando total valor sempre aos brancos.

De grande significação para a atribuição de características de humanidade ou do ser humano, anteriormente apenas atribuída aos brancos na representação pela ausência de menção à sua cor, é a ausência, na maioria dos livros, da distinção dos personagens negros pela cor da pele. Contudo **o negro, como minoria, é uma representação que persiste no livro didático**, embora apresente uma forma diferenciada, uma vez que na maior parte das ilustrações o personagem negro apareceu só ou formando dupla com um personagem branco. (SILVA, 2011, p.34, grifo nosso).

A figura do negro é algo que já vem sendo discutido em vários âmbitos, sendo abordado em vários trabalhos acadêmicos, teses, dissertações dentre outros, principalmente, referente aos textos e as imagens contidas em livros didáticos. Esse material é uma ferramenta facilitadora de aprendizagem dentro da sala de aula.

Porém, na maioria das vezes, está carregado de estereótipos que representam o negro de maneira inferior e subalterna em relação ao branco.

Portanto, a Lei 10.639/03 propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da História e cultura afro-brasileira e africana, chamando a atenção, por exemplo, dos docentes que necessitam destacar para os alunos a cultura afro-brasileira como formadora da sociedade brasileira, enfatizando que os negros são sujeitos históricos, valorizando, portanto, a cultura social e histórica dos mesmos.

Desta forma, a análise de conteúdo é fundamental para compreender como e de que forma estão sendo abordadas a participação e a contribuição da população negra à História e cultura do Brasil.

E para saber se houve mudança e se estão de fato os livros didáticos estão contemplando as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino da História e Cultura africana afro-brasileira, analisaremos um exemplar de um livro didático História que foi publicado após a promulgação da referida lei. Buscamos chamar a atenção para discursos sobre o negro no contexto analisado e como as imagens e maneiras de olhar o negro vão refletir e se apresentar no percurso desta análise.

4. O PERCURSO DO LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL E SUA RELAÇÃO COM A PROPOSTA DO PLANO NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO (PNLD)

O Programa Nacional de livro Didático (PNLD), criado em 1985, tem por objetivo propiciar a alunos e professores de escolas públicas dos ensinos fundamental e médio, de forma gratuita e universal, dicionários de língua portuguesa e livros didáticos de qualidade. Os docentes participam da escolha do livro didático, analisam e identificam os materiais a serem utilizados.

Para as instituições de ensino da rede pública, os livros didáticos são material de uso frequente em sala de aula, e essa ferramenta é importante na transmissão do conhecimento de forma a contribuir com a construção do conhecimento histórico.

Os livros são recursos utilizados para o ensino de História e outras disciplinas afins. Tendo importância na formação da identidade do sujeito, corroborando na autoestima e no trato com o outro, mediante as representações relacionadas às diferenças existentes em cada indivíduo, de acordo com os conteúdos contidos dentro do livro didático.

No Brasil, temas relacionados aos negros durante décadas foram marcados pelo preconceito. Neste sentido, nos livros didáticos os personagens que fizeram parte da história do Brasil eram representados de forma desvalorizada nas imagens e textos ali contidos.

Muitas vezes, alguns personagens negros importante para a história, foram representados em LD de forma embranquecida, estabelecida por uma cultura de forma estrutural, como por exemplo, Santo Agostinho, importante personagem da história do cristianismo, Francisca Edwiges Gonzaga do Amaral, mais conhecida como Chiquinha Gonzaga, Joaquim Maria Machado de Assis, escritor brasileiro, negro retinto. Essas representações de forma distorcidas vem de uma visão eurocêntrica, que não privilegia a literatura africana. Portanto, o embranquecimento é uma característica que se expandiu nos materiais pedagógicos como uma imagem estereotipada negativa do negro e uma imagem estereotipada positiva do branco, (SILVA, 2011).

Partindo desse pressuposto, é muito importante analisar os livros didáticos em questão e saber se houve mudança ou ainda persistem tais estereótipos retratados nos mesmos, haja vista que são os instrumentos que os docentes mais utilizam em sala de aula.

Para tanto, essa análise é justamente tentar identificar se essas imagens ainda persistem em omitir e deturpar a veracidade da história dos negros no que se refere as

questões relativas à diversidade cultural brasileira. Desta forma, o livro didático é uma ferramenta pedagógica que pode disseminar algo de cunho tanto negativo quanto positivo.

Os conceitos repassados via livro didático se reproduzem dentro das instituições de ensino e tais conceitos vão se reproduzindo também fora das instituições de ensino como se fossem verdades indiscutíveis. Isso principalmente pelo caráter simbólico do livro didático, tido como expressão da verdade, como evidenciado ao observarmos nossa sociedade. Hoje, apesar de haver mudanças, é possível encontrarmos livros veiculando imagens de discriminação a respeito dos negros, (ROSEMBERG, BAZILLI e SILVA, 2003).

No Brasil, temas relacionados aos negros durante décadas foram marcados pelo preconceito e esquecimento de grande parte dos estudiosos, pois até na década de 1970 havia pouco interesse sobre o assunto (NEGRÃO; PINTO, 1990).

Os negros foram apresentados nos livros didáticos geralmente em situação de submissão e desvalorização, que pouco contribuem para o combate à desigualdade, tanto no campo social, cultural ou econômico, pois:

Quando o negro é representado à consciência de um indivíduo, os objetos que estão na sua consciência, tais como os estereótipos e preconceitos, podem modelá-lo de tal forma, que, mesmo na sua ausência, o conceito o coloca estigmatizado em papéis e funções, estereotipado negativamente e subordinado, e à sua visão concreta esse conceito é ativado, provocando a discriminação e a exclusão. (SILVA, 2003, p.31).

Partindo dessa premissa, é sabido que tais estereótipos afetam os negros, deixando-os em papéis de vulnerabilidade, tanto social quanto pessoal.

Os livros didáticos são ferramentas pedagógicas bastante utilizadas para o ensino de História dentre outras disciplinas, contribuindo assim com a construção de representações sociais, por meio de textos e imagens. Em relação aos negros, tais recursos didáticos estiveram marcados pelo preconceito de forma severa, perpassando os tempos e, conseqüentemente, afirmando sequelas de um passado discriminador e explorador.

O livro didático tem sua importância na formação e na construção da nossa identidade e na forma como vemos um ao outro. São as representações contidas no mesmo que embasarão o conhecimento adquirido no âmbito escolar. Em razão disso, nossa análise ocorre em um livro didático do ensino de História, publicado após a promulgação da Lei 10.639/03, identificando as representações do negro e inferindo a partir da

literatura sobre o tema, quais mudanças aconteceram após a mesma ser promulgada em 09 de janeiro de 2003.

Com a referida lei, se altera o currículo escolar, de modo a fomentar o estudo da cultura afro-brasileira nas instituições, para a valorização das identidades. Cabe as escolas usar sua função social para reparar em partes, os danos causados por um passado escravista, cruel e discriminatório de base racista. Partindo dessa premissa, é de grande importância entender sobre a história dos negros, tendo em vista que eles são fundamentais para a história do Brasil.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA

5.1 Conhecendo o livro didático de história

Para o estudo inicial no livro didático utilizado nesta pesquisa, folheamos o material para termos um conhecimento prévio e posteriormente começar de fato a análise com um olhar minucioso e mais atento para a identificação dos elementos a serem observados.

Antes de tudo, é importante contextualizar nossa escolha pelo livro analisado, para que assim o leitor possa compreender quais os motivos que nos levaram a selecionar esta obra. O livro é um material pedagógico do Projeto Ápis, em sua primeira edição da Editora Ática, adotado no PNLN do período de 2016 a 2018, escrito pelas autoras: Maria Elena Simielle¹ e Anna Maria Charlier². O material escolhido consiste em 168 páginas, dividido em quatro unidades, cada unidade tem dois capítulos que são subdivididos, ora em três, ora em quatro tópicos.

O livro didático de História selecionado foi utilizado no 5º ano do ensino fundamental da rede pública de Tocantinópolis, onde a clientela que o utilizou eram alunos de classe média baixa.

¹ Bacharel e licenciada em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Professora doutora, em Geografia e professora livre-docente do Departamento de Geografia – Pós-Graduação, USP. Ex-professora dos Ensinos Fundamental e Médio nas redes pública e particular do estado de São Paulo.

² Bacharel e licenciada em História pela Universidade de São Paulo (USP). Bacharel e licenciada em Geografia pela USP. Ex-professora, diretora e supervisora dos Ensinos Fundamental e Médio nas redes pública e particular do estado de São Paulo.

A escolha se deu porque ele era bastante utilizado em sala de aula e um dos recursos didáticos dos docentes para ensinarem a História do Brasil e nele está contida a história do negro e suas contribuições de forma significativa ou, pelo menos, deveria estar.

Neste livro, há 355 imagens, onde observou-se quantas vezes a imagem do negro, do índio e do branco aparece. O resultado desse levantamento é que dessas 355 imagens 09 são de pessoas brancas; 62 de indígenas e 284 das imagens são de pessoas negras, que aparecem da seguinte forma: crianças negras do sexo masculino são 20 e do sexo feminino são 17. Já os adultos negros, do sexo masculino são 128 e 119 do sexo feminino.

Acreditamos que conhecer os fatores históricos, sociais e contemporâneos de nossa sociedade, aliado ao fazer educativo, é de suma importância para os alunos, contribuindo para o desenvolvimento de seu senso crítico, tornando-os indivíduos mais engajados nas lutas contra qualquer tipo de discriminação da raça negra e demais grupos desfavorecidos pela sociedade.

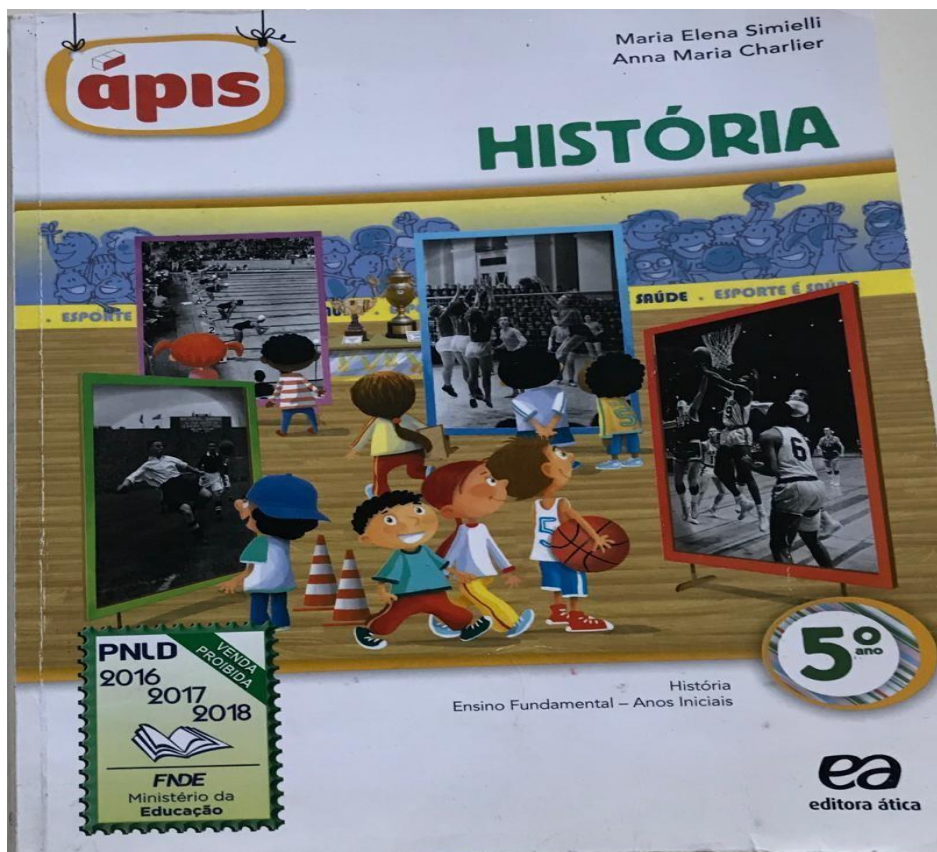
E para entendermos como está estruturado o livro didático a ser utilizado, tanto por nós, quanto por outros leitores é preciso entender como o mesmo se apresenta.

Na figura 1, o livro apresenta uma capa com diversas imagens de crianças e adultos, um total de trinta pessoas, algumas praticando esportes e outras observando. Sendo que nove são crianças que aparece na imagem, das quais seis são do sexo masculino, onde três dos meninos são negros e duas do sexo feminino, de cor branca.

Na imagem podemos observar também 21 adultos, onde nove são do sexo masculino, e somente três negros, e 12 mulheres todas de cor branca, prevalecendo assim em maiores quantidades as pessoas de cor branca.

A capa disponibiliza imagens importantes dentro do grupo étnico-racial na sociedade. Pois vem destacando a inclusão de distintos sujeitos, contudo, não traz nenhuma imagem do povo indígena, mesmo assim, contribui para uma significativa e positiva valorização da figura do negro no LD.

Figura 1 Capa do livro



Fonte: Livro didático Ápis de História (SIMIELLI; CHARLIER, 2018) /Capa.

A apresentação contida na segunda folha do livro vem dizendo que há vários fatos importantes na construção da nossa história e as autoras nos propõem um convite de conhecer essa história de uma maneira prazerosa.

Contudo, faremos uma explanação de como está estruturado os capítulos do livro para sabermos quais são os assuntos abordados.

A primeira unidade deste exemplar que é “O mundo fica maior”, que trata do período do expansionismo europeu, elucidando o forte comércio entre a Europa e o Oriente. Os dois capítulos estão subdivididos, o primeiro traz os seguintes temas:

- ✚ Viajar é preciso;
- ✚ A terra é o limite;
- ✚ Navegar era uma grande aventura.

Já no capítulo dois, trata-se do Colonialismo, período do Brasil Colônia, com os temas:

- ✚ A chegada a outras terras;
- ✚ A chegada a outras terras;

- ✚ Terra à vista;
- ✚ Os portugueses chegam à América;
- ✚ Esta terra tinha dono;

Os portugueses chegam à América;

Esta terra tinha dono;

Como apoio estão ainda no Capítulo 2 mais dois tópicos:

- ✚ O que estudamos;
- ✚ Desenhando também aprendo.

Na Unidade 2 do livro, com o tema “O trabalho constrói o Brasil”, vem também no mesmo formato, o Capítulo 1 “As primeiras formas de trabalho”, também subdivididos:

- ✚ O trabalho escravo;
- ✚ Nem todos os que trabalhavam eram escravos.

Já no segundo capítulo, “O trabalho assalariado”, da Unidade 2 vem trazendo:

- ✚ Trabalho escravo, trabalho livre;
- ✚ Chegam os imigrantes;
- ✚ Hoje: muitos trabalhadores e poucos empregos;

E também traz um material de apoio:

- ✚ O que estudamos;
- ✚ Desenhando também aprendo;
- ✚ **VAMOS** ver de novo?
- ✚ Projeto: um escrivo do século XXI;
- ✚ Sugestões.

Na terceira unidade, “Brasil de colônia a república”, também contém dois capítulos, no primeiro capítulo “De Salvador ao Rio de Janeiro” temos os seguintes tópicos:

- ✚ Portugal governa o Brasil;
- ✚ A busca da independência.

No Capítulo 2 “do Rio de Janeiro a Brasília”, temos o período que retrata o Brasil Império e Brasil República:

- ✚ Um imperador governa o Brasil;
- ✚ Um presidente governa o Brasil;

E para material de apoio temos:

- ✚ O que estudamos;
- ✚ Desenhando também aprendo.

Na quarta e última unidade deste livro, temos “O cotidiano na história”, também sendo dividido em dois capítulos, o primeiro, “Uma viagem no tempo”, que tem como subtópicos:

- ✚ O dia a dia na colônia;
- ✚ A vida social após a independência.

E para o segundo capítulo, que é “Vivemos o presente”, temos:

- ✚ A vida nos dias
- ✚ atuais; Um povo em festa.

E para um apoio sobre os temas abordados as autoras trazem:

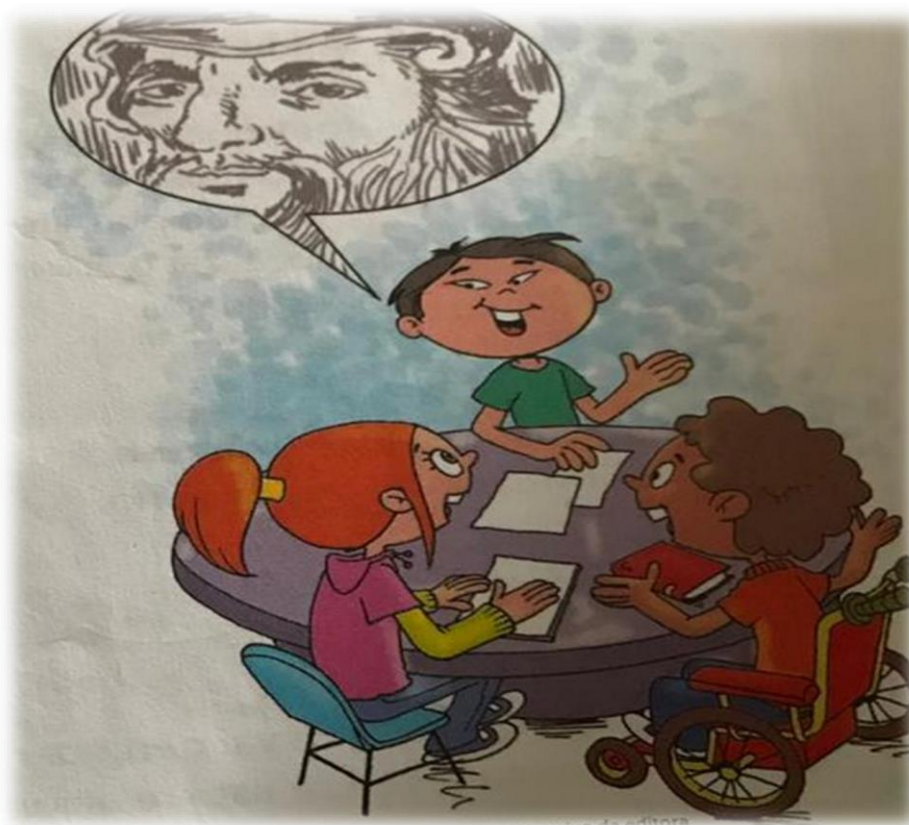
- ✚ O que estudamos;
- ✚ Desenhando também aprendo;
- ✚ Projeto: manifestações da cultura da população;
- ✚ Sugestões.

E para finalizar o livro didático vem o glossário e a bibliografia.

5.2 As imagens iconográficas dos negros

Na figura 2, a primeira imagem de uma pessoa negra que aparece no livro é na apresentação, ou seja, na página de número 03. A imagem traz um menino negro que está junto a dois colegas, uma menina branca e um menino asiático, todos com uma faixa etária de, aparentemente, uns 11 a 13 anos de idade. Eles se encontram ao redor de uma mesa, o menino asiático está em pé e a menina branca sentada em uma cadeira, o menino negro também está sentado em uma cadeira de rodas, como podemos ver na imagem.

Figura 2 Crianças



Fonte: Livro didático *Ápis de História*, (SIMIELLI; CHARLIER, 2018, p. 03).

Contudo, acreditamos que a imagem trazida no LD nos traz uma neutralidade, por somente estar sendo utilizada para falar sobre as transformações do cidadão do lugar onde vive, não remete a nenhuma menção de cunho racista, tampouco no contexto textual.

Considerando que na imagem o menino negro é cadeirante, não se configura uma cena que retrata qualquer tipo de discriminação racial, pois a imagem ali representada para leitores tem mais a ver com a necessidade de uma inclusão social de todos. O texto que retrata essa imagem diz que “[...] compreender a construir história é um grande passo para você se tornar um cidadão participante do lugar onde vive e das transformações da sua comunidade [...]”. (SIMIELLI; CHARLIER, 2018, p. 03).

Neste sentido, é notória a importância do livro didático no dia a dia das salas de aula trazer ilustrações que objetivem a reflexão sobre a formação da sociedade brasileira e a diversidade dos povos. Dessa forma, o material pode contribuir para o entendimento que os diferentes podem conviver em um mesmo espaço e, acima de tudo, sendo respeitados perante suas diferenças, corroborando positivamente com a imagem dos povos negros.

Na figura 3, na Unidade 2 do livro, na página 47, com o título “O trabalho constrói o Brasil” (SIMIELLI; CHARLIER, 2018, p. 47), as autoras vêm falar sobre as formas de trabalho que “ajudam a construir o Brasil”, na imagem podemos observar que a professora exibe um vídeo para os alunos de vários meios industriais.

Simielle e Charlier (2018) trazem também os seguintes questionamentos aos leitores, “você sabe o que é o trabalho escravo no Brasil?”, “que tipo de trabalho você conhece?”. Junto com as indagações, as autoras apresentam a imagem de uma professora negra em uma sala de aula com seis alunos, sendo quatro meninos e duas meninas, onde uma das meninas também é negra.

Percebe-se, que tanto os alunos quanto a professora estão juntos nesta imagem, em um mesmo ambiente. Contudo, embora nesta imagem prevaleça a maioria de pessoas de cor branca, não há nenhuma desvalorização referente a imagem da pessoa negra. Pelo contrário, a figura negra está representada de forma valorativa, trazendo uma representatividade da mulher negra, como agente de protagonismo, fortalecendo e reforçando o reconhecimento da imagem de pessoas de pele negra nos livros didáticos.

Figura 3 Sala de aula/professora



Fonte: Livro didático *Ápis de História* (SIMIELLI; CHARLIER, 2018), p. 47.

Portanto, a ilustração é de suma importância, haja vista, que o livro didático em questão já é um exemplar após a Lei 10.639/03 e deve ser obrigatório encontrar pessoas negras representando papéis de maior prestígio, como professores ou outras formas de trabalho, além de valorizar a contribuição negra nos conteúdos abordados. Para Silva (2001):

Além da transformação da representação, faz-se necessária a adoção de outras práticas reparatórias e preventivas para os grupos discriminados socialmente, para que eles tenham condições de sanar os danos causados em sua identidade e autoestima e superar as desigualdades impostas, ou seja, as oportunidades diferenciadas entre os membros dos diversos grupos sociais. (SILVA, 2001, p.71, apud, GUIMARÃES, 1998, p.71).

Por conta disso, essa imagem expressa uma grande importância no livro didático, uma vez que é necessário apresentar com mais ênfase essa parte da história do Brasil, resgatando a face de um povo que pouco aparece em lugares de destaques nos livros didáticos. Esse reconhecimento das contribuições depende de retratá-lo de forma menos

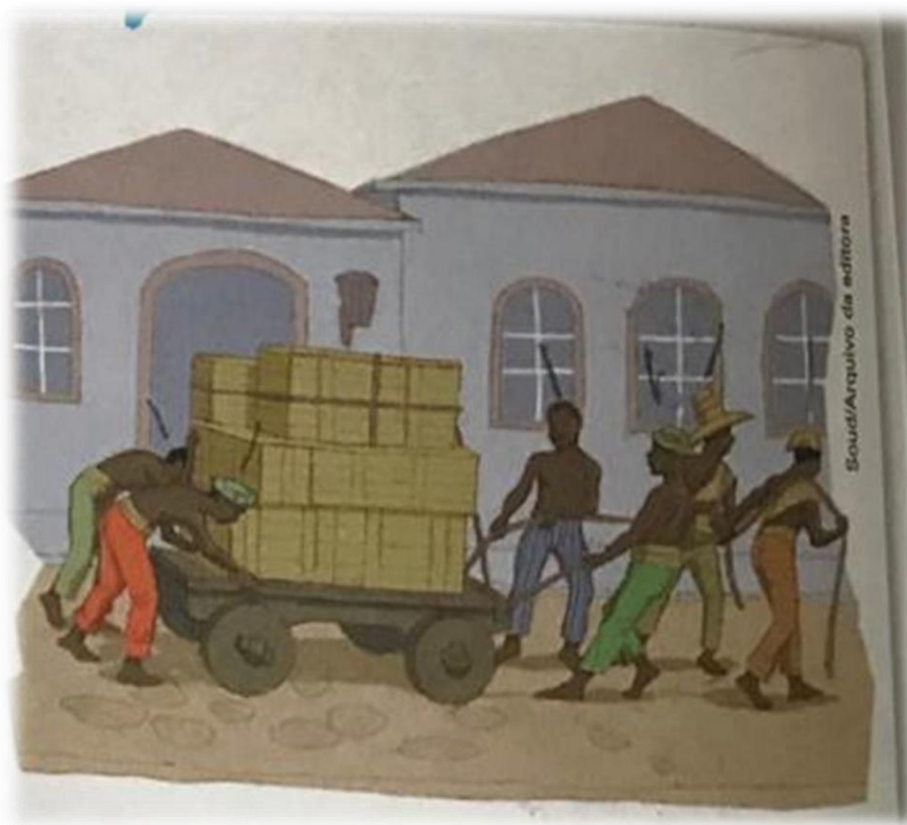
sofrida e mais substancial, segundo os critérios exigidos no que se refere aos conteúdos que valorizem a população negra. Portanto, Silva (2011), diz que:

Essa representação pode contribuir, em grande parte, para uma percepção e conceito mais reais dos sujeitos representados, uma vez que ela passa a não reproduzir os objetos de estigmatização que, colocados na nossa consciência, produzem um conceito inferiorizado desses sujeitos. (SILVA, 2011, p. 95).

Na ilustração, podemos ver que a professora negra está em lugar de destaque, de ascensão, sendo representada como forma de trabalho sem estar submetida a qualquer tipo de desvalorização, criando na sociedade aspectos positivos, reforçando a desconstrução dos estereótipos impostos, essas características evidenciam um importante processo de construção de veiculação de imagens, sem necessariamente estar subordinado a um trabalho forçado.

Na figura 4, nesta mesma unidade, na página 48, o texto trazido na ilustração vem falando sobre “As primeiras formas de trabalho”, pois, segundo as autoras Simielli e Charlier (2018), a figura é retrato da época do período colonial, onde seis homens negros, estão empurrando um carro, com várias caixas em cima, naquela época era comum ver os escravos fazendo esses tipos de trabalhos, pois os mesmos eram obrigados.

Figura 4 As primeiras formas de trabalho



Fonte: Livro didático *Ápis de História* (SIMIELLE; CHARLIER, 2018, p. 48).

Aqui os negros escravizados aparecem trabalhando, puxando um carro, como faziam quando usavam animais, estão vestindo apenas uma calça, sem nenhuma vestimenta para a parte de cima do corpo e estão sem nenhum calçado para a proteção dos pés, o que é um indicador de sua condição de escravizado.

Com essa imagem, Simielle e Charlier (2018) trazem a figura negra refletida de valores históricos, pois essa era a realidade do trabalho escravo. Contudo, essa imagem está reforçando a desvalorização do povo negro, com a exploração do seu trabalho. É importante que o preconceito e a discriminação para com os grupos étnico-raciais sejam revistos e combatidos, para que se possa trazer uma outra vertente, promovendo a autoestima desse povo tanto no âmbito escolar, quanto na sociedade a que está inserido.

Dessa forma “Os livros não podem expressar preconceitos de origem, raça, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BATISTA, 2001, p. 37), pois trabalhar pelo fim das desigualdades das relações étnico-raciais é uma reeducação social e o LD tem um grande e importante papel neste assunto.

Portanto, para Muller apud Rosemberg, Bazilli e Silva (2003), os estereótipos para com as figuras negras nos LDs trazem uma história de cultura de silenciamento, pois

a luta contra o racismo está na não permanência desses preconceitos, que se afirmam “justamente em convencer a opinião pública do caráter sistemático e não casual dessas desigualdades”.

Na figura 5, na Unidade 2 do livro didático (LD), na página 52, os negros aparecem capturados por dois feitores³ na África, em 1860. Eles estão com as mãos amarradas e presos a forquilha em seus pescoços, na ilustração também há duas crianças negras sem roupas, com faixa etária de aproximadamente uns dois ou três anos de idade, há também três mulheres negras. Segundo o texto que aparece na imagem, “os negros escravizados seriam vendidos como escravos para o cultivo das lavouras” (SIMIELLI; CHARLIER, 2018, p. 52).

Figura 5 Negros aprisionados na África



Fonte: Livro didático Ápis de História (SIMIELLE; CHARLIER, 2018, p.52).

³ Um feitor livre, o verdadeiro feitor era antes de tudo um representante do senhor, que infundia respeito. Um feitor escravo seria apenas a máquina que castigava sem vontade própria e apenas infundia medo. MATTOS. 1993,p.124.

Simielle e Charlier (2018) trouxeram a imagem que representa uma história triste, vivida por muitos escravos na época do tráfico internacional, os mesmos tiveram suas vidas marcadas de muita humilhação, com a exploração e violência contra homens, mulheres e até mesmo contra crianças negras, essa era a realidade em que viveram.

Percebe-se, que essa imagem fez parte da história de humilhação que o povo negro viveu, pois além de serem desrespeitados como pessoas, serviam como venda ou troca, como se fossem mercadorias. Afastando-os dos seus laços familiares, pois nem todos iam para o mesmo lugar. Como nos esclarece Silva (2011)

Durante o período da escravidão, a família quase inexistiu; quando existiu, era temporária e marcada pela resistência que o africano escravizado colocava quanto a gerar filhos, para não vê-los escravizados, e pela oposição dos senhores à família negra que, uma vez constituída, geraria um núcleo aglutinador, aumentando a resistência dos africanos escravizados a serem trocados ou vendidos. (SILVA, 2011, p.109).

Portanto, em relação a isso, podemos destacar que é necessário compreender o abrangente significado das imagens e de sua importância em considerar a participação destes povos no tocante a construção da sociedade brasileira de forma mais positiva. Em especial nos materiais pedagógicos que serão utilizados frequentemente como referências nas relações sociais educativas sobre um olhar crítico e reflexivo, contribuindo no desenvolvimento dos alunos de cor de pele negra como também para a sociedade em geral. Neste contexto, Silva

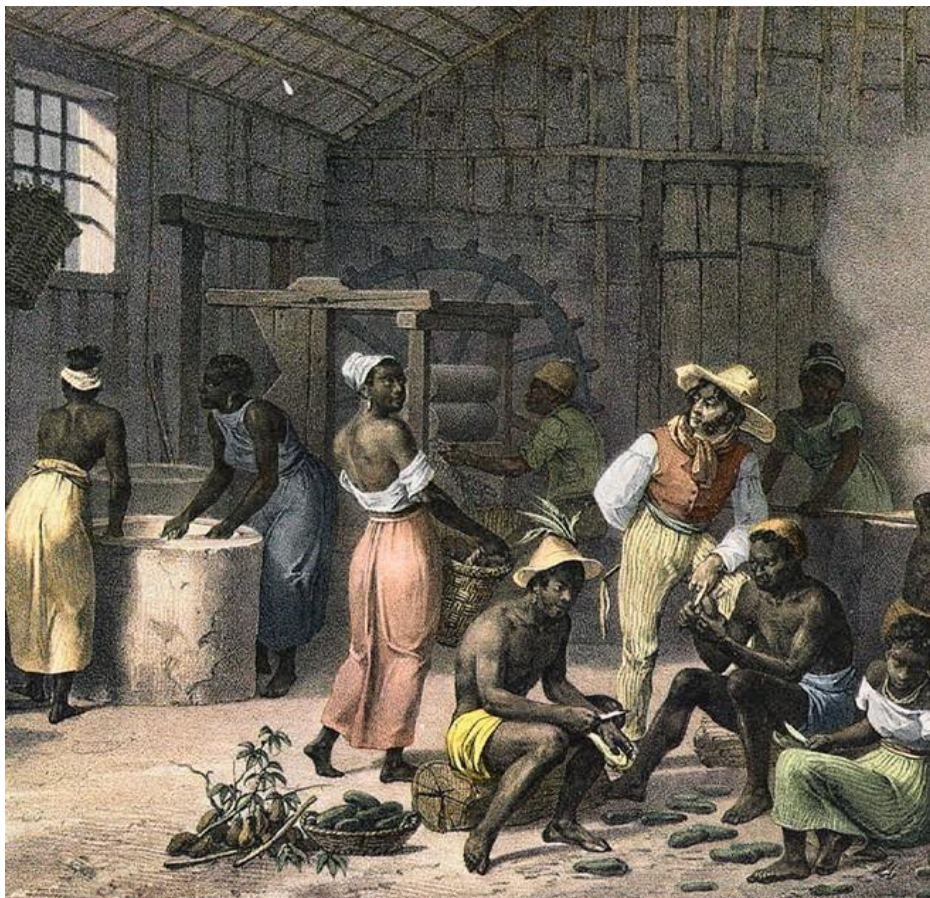
(2011) vem diz que:

Contudo, a leitura não é o único meio de formação da criança. O seu cotidiano, as suas experiências, a sua cultura podem ser fatores de resistência às ideologias veiculadas nos textos dos livros didáticos. Neste sentido, “[...] a escola pode não só reproduzir a lógica da dominação, como também a da resistência e da luta social [...]”. (SILVA, 2011, p.22).

Neste sentido, faz-se necessário um ensino que combata uma educação de cunho racista, como vinha ocorrendo nas escolas, de modo a buscar valorizar as diferenças socioeducativas com fortalecimento dos materiais pedagógicos que trazem como representação da figura negra de forma valorizada, contribuindo para diminuir a discriminação em todos os ambientes sociais.

Na figura 6, na Unidade 2 do LD, na página 56, a imagem do século XIX trazida pelas autoras, retrata os negros em trabalho escravo, sendo supervisionados por um feitor, nas diversas etapas. Esses feitores, na maioria das vezes, eram homens negros e livres, que recebiam ordens dos senhores para manter os cativos em suas obrigações. Os negros escravizados estão em uma espécie de instalação da fazenda, onde os escravos realizavam vários trabalhos, como por exemplo, farinha, azeite, sabão, tanto para o consumo dos seus senhores, como para a venda.

Figura 6 Preparação da farinha de mandioca



Fonte: Livro didático *Ápis de História* (SIMIELLE; CHARLIER, 2018, p. 56).

Nesta imagem podemos observar que mesmo que os negros africanos estivessem sofrendo tanta maldade e humilhações, não perderam suas raízes culturais, que não foram extintas pelos senhores de escravo. Pelo contrário, eles conseguiram manter suas tradições, fazendo com que as duas raças se aproximassem, pois, “[...] os senhores ao mesmo tempo contraem alguns hábitos dos seus escravos e dessa sorte o ‘superior’ e o ‘inferior’ se aproximam [...]”. SILVA (2011, apud KOSTER e FREIRE, 1981, p.74). Dentre essas tradições trazidas pelos negros estão por exemplo, a comida, a dança, a língua, a música, dentre outras.

Desta forma, além dos critérios sobre a manifestação cultural explicitada nesta imagem, as autoras Simielle e Charlier (2018), sinalizam uma contextualização em que os negros estão submetidos a condições de pobreza, onde a figura negra está em situação menos favorecida, portanto, a imagem nos remete a uma percepção de desesperança, pois, “o preconceito nos livros didáticos aparece camuflado” (NEGRÃO; PINTO, 1990, p. 9). Contudo, Silva (2018) afirma que:

O negro prevalece sendo representado unicamente por uma lógica que o coloca sempre na mesma condição de seus antepassados escravizados e dificilmente pelas situações diversas que aparecem na sociedade contemporânea (SILVA apud OLIVEIRA, 2018. P. 33).

De acordo com Negrão e Pinto (1990), há ilustradores que trazem a figura do negro de forma grosseira e cheia de traços para que sirvam de indicadores de sua raça, como por exemplo os traços físicos, vestimentas, dentre outros. Acrescentam ainda que, a figura da mulher negra por exemplo, é representada geralmente como doméstica, usando roupas maltrapilhas, com cabelos presos e até mesmo utilizando um lenço na cabeça, quase sempre fazendo algum tipo de trabalho.

Neste sentido, Silva (2011) afirma que é necessária uma investigação sobre como os autores/ilustradores vem trazendo essa representação no LD. Isso a fim de avançarmos em diversos contextos no livro didático, pois com essas averiguações é que haverá transformação nos textos e imagens de cunho racista, contribuindo com uma mudança significativa na construção de práticas educativas.

Tendo como referência o que demanda o PNLD, suas orientações normativas e seus critérios, Muller (2018), destaca:

Entre os critérios de avaliação dos livros didáticos comprados e distribuídos pelo PNLD foram incluídos aqueles específicos sobre questões raciais e que se referem a preconceitos de “origem, raça e cor” e, mais recentemente, de “origem, cor e etnia”. Assim, os critérios para a avaliação das representações raciais elaborados pelo PNLD variaram nos últimos anos (Brasil, 2000, p.138)

Portanto, as alterações propostas pelo PNLD vêm proibir a circulação de livros didáticos que expressem qualquer forma de preconceitos de origem, de cor, de etnia, de gênero e qualquer outra forma de discriminação, pois, de outra forma contribuiria para o imaginário de uma sociedade racista.

O livro didático, bem como outros textos não-verbais, promovem um processo de invisibilidade do negro e uma disparidade na representação do branco e do negro. Essa invisibilidade faz com que o negro não se reconheça; faz com que se construa em torno dos sujeitos negros um “que” de inexistência e de folclorismo. (SÁ,2010, p.7)

Na figura 7, na página 57 do livro didático, Simielle e Charlier (2018) trazem imagem de pintura de Jean Baptiste Debret de 1835, que retrata os negros escravizados, chamados de escravos de ganho⁴. Nesta imagem os escravos estão na rua fazendo seu trabalho de vendedor. Eles só “poderiam fazer essas atividades após realizar os trabalhos domésticos” (SIMIELLE e CHARLIER, 2018, p. 57).

Figura 7 Negros de ganho



Fonte: Livro didático *Ápis de História* (SIMIELLE; CHARLIER, 2018, p. 57).

⁴ Escravo de ganho ou negro de ganho era o nome dado, no Brasil, aos escravos urbanos que exerciam um trabalho e repassavam parte de seus ganhos a seus donos. Este estipulava uma cota mínima em dinheiro a lhe ser entregue pelo escravo como resultado de seu trabalho diário, o que ultrapassasse a cota estabelecida pertencia ao escravo. Mas se o montante não fosse alcançado, o escravo poderia ser castigado. Disponível em: < <https://studhistoria.com.br/qq-isso/escravo-de-ganho-negros-de-ganho/> >. Acessada em: 10 de nov. de 2021.

Segundo as autoras, essas atividades que os escravos faziam eram praticadas tanto por negros escravizados, como também por negros livres. Esses trabalhos de rua consistiam em vender mercadorias, como por exemplo, artesanatos, doces, hortaliças e também faziam serviços como carregadores para pessoas brancas.

Conforme vem dizendo no texto do LD, os negros escravizados só poderiam fazer esses tipos de atividades se os seus senhores deixassem. Esse trabalho era uma forma de conseguirem dinheiro para que pudessem comprar suas alforrias, porém, o que fosse arrecado tinha que ser dividido com os seus senhores (SIMIELLE e CHARLIER, 2018).

Observamos na figura 7 que os negros escravizados estão com vestimentas mais arrumadas e limpas, porém estão descalços, pois era proibido usar qualquer tipo de calçado, o que configurava a sua condição escrava.

A figura 8, também na página 57 do LD analisado, nos traz uma fotografia feita por João Ferreira Villela, em 1860. A imagem retrata um menino branco, Augusto G. Leal, ainda pequeno, filho de um senhor e, ao seu lado, sentada em cadeira, a sua ama de leite Mônica, uma escrava negra, que vivia nas dependências da casa dos senhores. Essa imagem era algo que se repetia bastante, pois era muito comum na época ter mucamas⁵, que eram mulheres negras escravizadas que faziam trabalhos domésticos e também amamentavam os filhos de seus senhores com seu próprio leite, deixando, às vezes, de amamentar seus próprios filhos.

Figura 8 Ama de leite

⁵ No Brasil e na África portuguesa, escrava negra, ger. jovem, que ajudava nos serviços caseiros e acompanhava a dona da casa em passeios, podendo ser também ama de leite. Disponível em: <<https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=mucama>>. Acesso em: 10 de mar. de 2022.



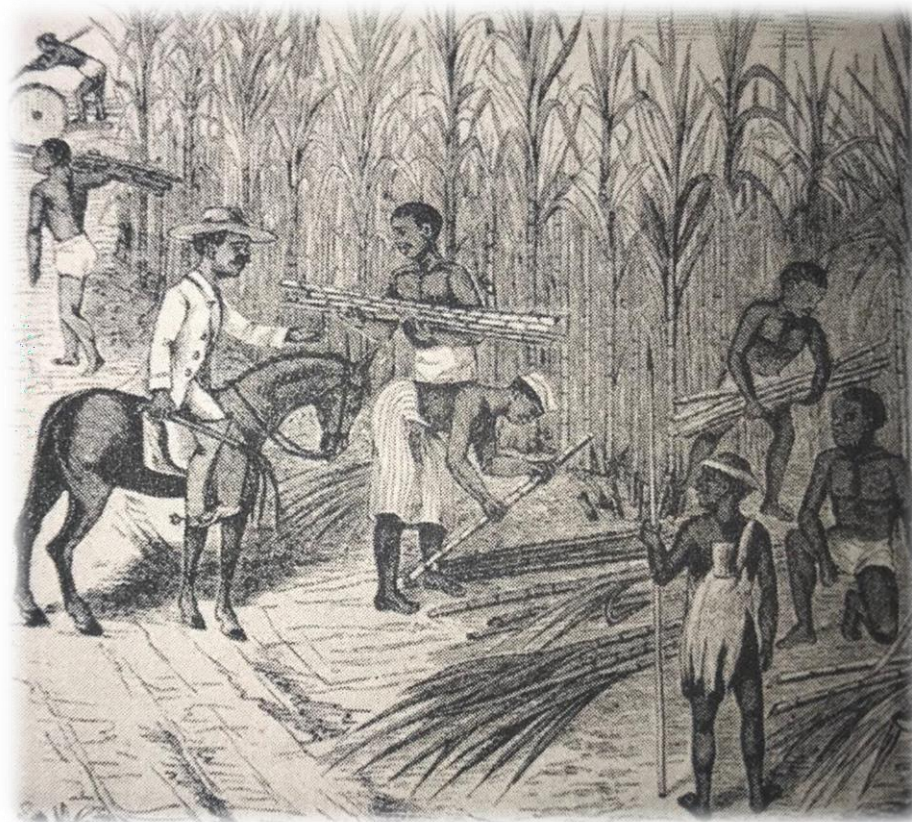
Fonte: Livro didático *Ápis de História* (SIMIELLE; CHARLIER, 2018, p.57).

Ao observarmos a imagem dessas duas pessoas, analisamos que a ama de leite, que é escrava, está bem vestida e com os cabelos presos, contudo, o olhar da mulher não esboça nenhuma felicidade ao estar sendo fotografada, parece pouco à vontade. Já a criança, bem vestida, parece feliz e a vontade com a situação, parece tecer algum tipo de afeto pela sua ama de leite.

Essa mulher negra, mesmo não estando em situação de desprezo, permanece em uma situação de submissão perante o branco. Entendemos, porém, que se trata de um retrato da época. A mulher representada tem seu nome nos registros da foto, o que é um distintivo de consideração afetiva, tendo em vista o período escravista.

Na figura 9, na página 60, há uma ilustração de 1881, que retrata uma plantação de cana de açúcar, onde os escravos faziam o cultivo para a fabricação de açúcar. Podemos observar na imagem que os negros eram constantemente vigiados por feitores, sendo que o mesmo se encontra montado em um cavalo e com um chicote em punho, que seria uma forma de coagir os negros caso desobedecessem a alguma das ordens ou tentassem fugir, pois se isso acontecesse seriam severamente castigados.

Figura 9 Plantação de açúcar



Fonte: Livro didático *Ápis de História* (SIMIELLE; CHARLIER, 2018, p.60)

Percebe-se também que na imagem tem um negro que está em pé segurando uma lança, esse negro também era escravo, porém, era obrigado a vigiar os outros escravos, caso não o fizesse era duramente castigado como forma de punição.

É perceptível a humilhação a que estava submetido o povo negro, desrespeitados como pessoa. Neste sentido, Silva (2008 apud OLIVEIRA, 2000, p.33), diz que:

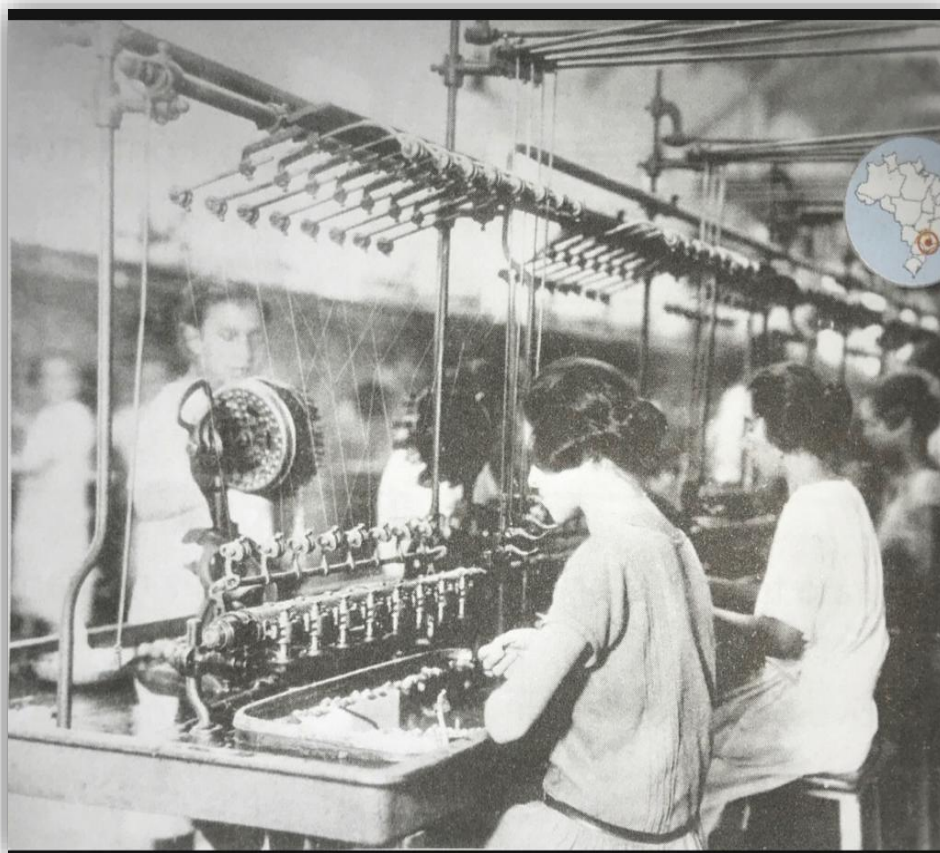
O negro prevalece sendo representado unicamente por uma lógica que o coloca sempre na mesma condição de seus antepassados escravizados e dificilmente pelas situações diversas que aparecem na sociedade contemporânea (SILVA apud OLIVEIRA, 2008, p.33)

Portanto, a exclusão do negro está se apresentando de forma estrutural e consequentemente trazendo um constrangimento para a população negra. Sabemos que quando falamos em processo de desconstrução de uma história única, onde o negro aparece apenas no período escravocrata no âmbito educacional, é fundamental, o livro

didático pode contribuir a medida que considera a participação do negro em toda a história brasileira, oferecendo condições que facilitem o entendimento de determinadas questões.

Na página 72, o livro trata da segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas dos séculos XX, quando inicia-se a industrialização no Brasil. A imagem que foi utilizada apresenta uma indústria de tecidos na cidade de São Paulo em 1920. Podemos observar que são quatro pessoas, um homem e três mulheres, sendo que uma das mulheres que está mais ao fundo da imagem é negra.

Figura 10 Indústria de tecidos Matarazzo



Fonte: Livro didático *Ápis de História* (SIMIELLE; CHARLIER, 2018, p.72).

Os trabalhadores brancos vinham de outros países para trabalhar no Brasil e eram remunerados, já os negros eram emprestados pelos seus donos e o dinheiro recebido pelos seus trabalhos as vezes era dividido entre os seus senhores e os escravos, ou então, era todo do dono do escravo. Mesmo trabalhando em um ambiente que não era a casa grande, eles ainda tinham donos e não eram livres.

As comparações expressas no LD mostram uma adversidade de valores, onde o branco está sendo valorizado pelo seu trabalho. Enquanto as pessoas de pele negra estão fazendo o mesmo trabalho que os brancos, porém, sem nenhum reconhecimento da força de seu trabalho e seus valores como pessoa.

É importante destacar que mesmo havendo uma pluralidade nesta imagem ainda não se vê minimizadas as desigualdades entre os diferentes segmentos sociais, que neste caso explicitam as diferenças entre brancos e negros no que diz respeito às oportunidades de trabalho.

As autoras Simielle e Charlier (2018) demonstram preocupação com a diversidade ao trazer imagem onde há negros representados. Tal contribui para dissipar a imagem de que apenas imigrantes brancos trabalhavam na indústria. A imagem corrente que se veiculou durante muito tempo sobre o negro era de desqualificação pessoal e profissional de forma a desmerecer seus valores e seu trabalho, deixando-os sempre de maneira subalterna e de humilhação.

Conforme vem afirmando Silva (2011, p. 16)

[...] através dos materiais pedagógicos uma imagem estereotipada negativa do negro e uma imagem estereotipada positiva do branco, tendendo a fazer com que o negro se rejeite, não se estime e procure aproximar-se em tudo do branco e dos seus valores, tidos como bons e perfeitos, estabelecendo dessa forma um processo de fuga de si próprio, dos seus valores e dos seus assemelhados étnicos.

E complementa mais adiante:

Livros didáticos da disciplina de História, (...) ainda mantêm um discurso desfavorável, que pode ser qualificado como discurso racista. Os textos apresentam tendência a manter uma lógica que privilegia o papel dos brancos como sujeitos dos processos históricos, em detrimento de negros (e indígenas). Tratados como objetos e com espaços na sociedade delimitados restritivamente. (SILVA, 2008, p. 34).

Neste sentido, frequentemente a imagem do negro ainda permeia de forma pejorativa e preconceituosa na nossa sociedade. Muitas vezes, se considera que os negros contribuíram tão somente de forma cultural, como por exemplo, na dança, na comida e nas músicas, deixando de lado sua contribuição para expansão e o desenvolvimento economia do país com sua força de trabalho. Portanto, lutar para erradicar essas imagens preconceituoso, exibidas em LD, desmerecendo a cor de pele é uma forma de desconstruir

o que já vem posto há anos, em uma contextualização inferiorizada em um status de vulnerabilidade social, econômica e pessoal.

Na página 89 do LD, na unidade 03, trazemos uma imagem cujo texto vem abordando como tema “Brasil – de colônia a república” e de subtítulo “Constituição, direitos e deveres.”

Figura 11 Professora e alunos



Fonte: Livro didático *Ápis de História* (SIMIELLE; CHARLIER, 2018, p.89)

A imagem é bem colorida com cores vivas e vem retratando uma professora branca e quatro alunos, dois meninos e duas meninas, onde uma das meninas é negra. As crianças que aparecem nesta imagem se vestem com camisas iguais, acreditamos ser uniforme escolar, os mesmos estão em um palco, percebe-se que a menina de cor negra está a falar algo com seu colega, parece debater sobre o tema trazido na imagem. A professora e os demais ficam a observá-los.

Da página 119, trazemos uma imagem do século XX, que retrata uma mulher negra, Antonieta de Barros, ela foi a primeira deputada estadual a ser eleita em 1934 em Santa Catarina

(Simielle e Charlier, 2018).

Figura 12 Antonieta de Barros



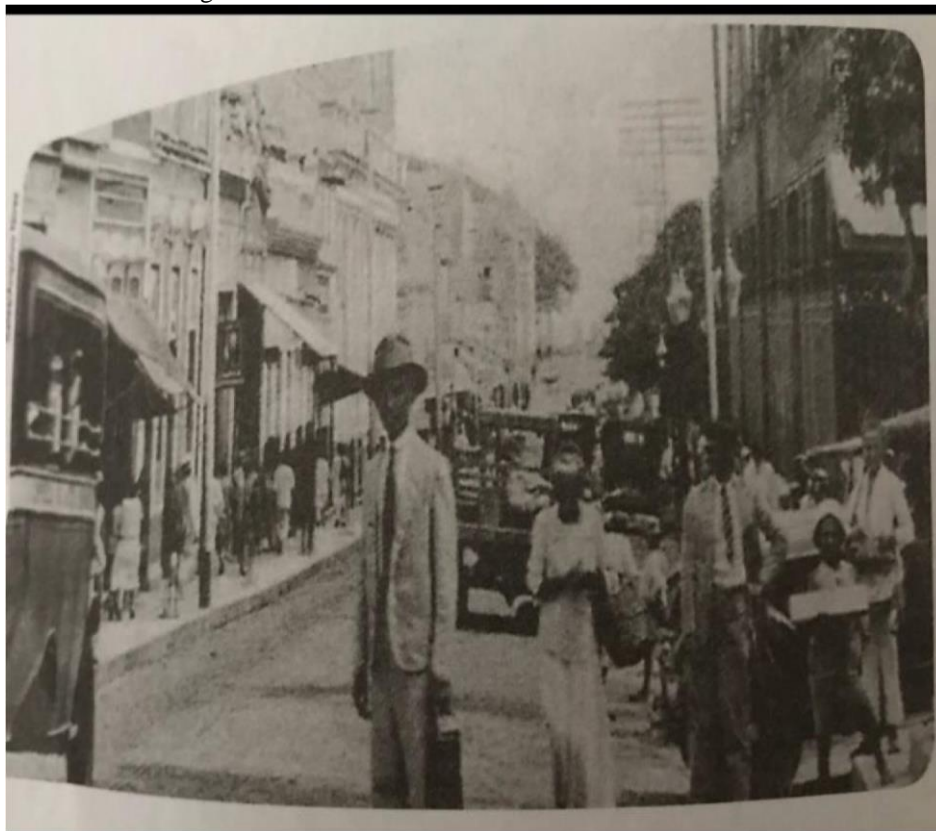
Fonte: Livro didático *Ápis de História* (SIMIELLE; CHARLIER, 2018, p.119).

A imagem é em preto e branco e traz uma mulher negra com um sorriso no rosto, bem vestida e de cabelos presos. Essa imagem possibilita que um indivíduo negro se reconheça como pessoa possuidora de reconhecimentos e capaz de alcançar maiores posições, tanto pessoal quanto profissional, promovendo assim, de forma positiva, a figura da mulher negra em razão de seu protagonismo em espaços de poder. Antonieta de Barros era também professora e é uma figura importante na profissão docente, é de sua autoria o projeto que estabelece o Dia do Professor no seu estado, data que depois passa a ser celebrada em todo o Brasil.

Na imagem a seguir, na página 130, na unidade 04 com o título “O cotidiano na história”, Simielle e Charlier (2018), trazem a imagem intitulada “Mercado Central de Fortaleza no estado do Pará, no século XX”.

As autoras trazem o texto “Uma viagem no tempo”, falando sobre hábitos, mudanças no dia a dia, forma de se vestir, de cumprimentar e de viver a vida.

Figura 13 Mercado Central de Fortaleza-PA



Fonte: Livro didático *Ápis de História* (SIMIELLE; CHARLIER, 2018, p.130).

A imagem é também em preto e branco, a rua aqui representada é bem movimentada, aparecem vários carros da época, como também pessoas trafegando. Na imagem trazida para a representação dessa época, percebe-se a presença de pessoas de ambos os sexos, de várias raças. As pessoas negras, aparecem em destaque, ou seja, mais a frente, contamos cinco pessoas, uma mulher e três homens. A mulher aparece bem-vestida, com uma saia longa e uma blusa de mangas até o cotovelo, usando um chapéu e carregando uma bolsa de lado. Os três homens estão bem-vestidos, usando terno e chapéu, já um dos homens está vestido de short e camiseta, com uma espécie de tabuleiro nas mãos.

Na imagem a seguir, na página 140, na unidade 04, as autoras Simielle e Charlier (2018), trazem o tema “O cotidiano na história”, com o subtítulo “traçando saberes”. A

imagem escolhida para a nossa análise é uma imagem colorida de Johann Moritz Rugendas do ano de 1835, século XIX.

Figura 14 Dança Lundu



Fonte: Livro didático *Ápis de História* (SIMIELLE; CHARLIER, 2018, p. 140).

O lundu é uma manifestação popular no qual é uma dança de origem africana, trazida pelos negros escravizados, foi a primeira música aceita pelos brasileiros (SIMIELLE e CHARLIER, 2018). Que teve por objetivo não apenas para a diversão dos escravos, mas também uma forma de resistência, valorizando importância das tradições culturais e sociais desse grupo.

Neste sentido, essa imagem traz um contexto de valorização da raça negra sem distinção de cor, pois, percebe-se que tanto os brancos quanto os negros estão em um mesmo ambiente e de igual valorização

Na imagem a seguir, na página 163, trazemos uma imagem do LD colorida, onde quatro crianças estão sentadas ao redor de uma mesa fazendo trabalho escolar. Nesta

imagem há três meninos e uma menina, que a menina e um dos meninos são negros, todos vestidos de camiseta azul claro e calça azul em um tom mais escuro.

Figura 15 Grupo de colegas



Fonte: Livro didático *Ápis de História* (SIMIELLE; CHARLIER, 2018, p.163).

Ao trazermos essa imagem identificamos a importância da relação dos diferentes grupos étnico-raciais, reforçando os valores e a diversidade entre grupos que compõem a nossa sociedade, para que verdadeiramente possamos nos reconhecer de forma positiva nas ilustrações como também nos discursos, favorecendo a figura do negro de forma mais perceptível no livro didático.

Portanto, o LD traz ao todo 355 e segundo a análise feita, foram encontradas 284 imagens de pessoas negras, quase sempre em posições sociais menos favorecida. Causando em pessoas negras um sentimento de inferioridade.

Ainda nesse sentido, faz-se necessário que se possa analisar de forma mais crítica as imagens que circulam nos livros didáticos e no ambiente escolar, trazendo uma visão de educação com espaços mais democráticos e justos para todos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, pretendemos contribuir para dar visibilidade à realidade do povo negro, muitas vezes silenciada.

A pesquisa sobre a “A imagem do negro no livro didático de história após a Lei 10.639/03” se deu com a análise das imagens contidas no livro didático que se relacionam às questões étnico-raciais, com ênfase nos estereótipos e preconceitos veiculados através das imagens e textos expressados sobre o mesmo, em particular, no livro didático que são meios bastante utilizados nas escolas.

Os resultados dessa análise assinalam que apesar de o livro didático analisado representar pessoas negras em diferentes situações, as imagens, assim como os textos, apresentam que ainda há uma omissão e um silenciamento acerca do povo negro. Por exemplo, são poucas as pessoas negras em lugares de destaque e ascensão social. Esse é um aspecto pouco explorado dos textos e imagens escolhidas para a ilustração da história do povo negro.

Nesse sentido, depreende-se que a população negra quase sempre vem sendo colocada em imagens que pouco contribuem em sua luta e suas conquistas. Estão representados como os negros que sofreram humilhações e castigos, colocando-os em desigualdade com o branco, imagens que pouco expressam a valorização do negro para com a história do Brasil.

Ao pensarmos na aplicabilidade da referida lei, ponderamos que, por obrigatoriedade todos os livros didáticos de história dentre as demais disciplinas já deveriam contemplar muitas mudanças nas representações desses povos, trazendo uma realidade condizente do povo africano que reforce mais a sua força, suas lutas e suas conquistas inserindo no conteúdo de forma mais valorizada, quanto a cultura para com a

sociedade brasileira, bem como buscar contribuir para uma imagem mais positiva do negro.

É de fundamental importância repensar práticas discursivas para com as representatividades do povo negro, corroborando com uma inclusão na sociedade de forma mais positiva, como também um maior destaque na sua atuação como indivíduo de grande contribuição para a formação de um povo. E não somente lembrá-los em lugares reservados para eles em senzalas, presos ou sofrendo humilhações.

Dessa forma, no ambiente escolar, precisa haver uma conscientização quanto ao conteúdo, de forma menos discriminatória e com um contexto mais atualizado de forma a desconstruir o racismo trazido desde a época colonial para que os alunos negros que venham a utilizar o material didático não se sintam menosprezados ou diminuídos perante a sua cor de pele ali representada.

Podemos inferir que muitos livros didáticos não apresentam o negro como deveriam, continuam violando seus direitos. Apesar de haver imagens que o representa de forma positiva, como a professora, as demais imagens ainda vêm sendo de negros sem instrução e de pouco valor perante a imagem do grupo branco.

Em relação a obra analisada, considera-se que o livro cumpre com o exigido na legislação. Conforme destacado na análise, há imagens que reforçam estereótipos, mas trata-se de aspectos históricos cabendo ao professor chamar a atenção dos alunos para que estes aspectos a fim de desconstruir estereótipos. Verificou-se que no livro há a presença de 355 imagens. Dessas, somente 284 pessoas são negras. Consideramos que poderiam ter mais imagens de pessoas negras em posições sociais e em profissões valorizadas em maior número. Mesmo não atendendo nossa expectativa, consideramos que o material analisado compreende um grande avanço diante do cenário anterior a Lei 10.639/03.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Livia Jéssica Messias de. “**Velhos problemas, novas questões**”: uma análise dos discursos raciais na política nacional do livro didático. 2013. 201f. Dissertação (Mestrado

Acadêmico em Educação) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2013. Disponível em: <<http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/173>>. Acesso em: 22 jun. 2021.

BRANCO, Raynette Castello; JOSÉ, Batista Neto. **O negro no livro didático de História do Brasil para o Ensino Fundamental II da rede pública estadual de ensino, no Recife**. 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

BRASIL, Presidência da República. **Lei nº10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 08 jan. 2020.

BRASIL, Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação. CP/DF. **Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Disponível em: <www.Simpro.org.br/arquivos/afro/diretrizes_relacoes_etnico-raciais.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. **Parecer nº 003/2004**. Brasília, jun. 2004. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf >. Acesso em: 15 jan. 2020.

BIBLIOTECA, **Digital Brasileira de Teses e Dissertações**. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 06 mar. 2021.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O Racismo na História do Brasil: Mito e Realidade**. 5ª ed. São Paulo: Editora Ártica, 1997.

CARVALHO, Andréa Aparecida de Moraes Cândido de. **As imagens dos negros em livros didáticos de história**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em

Educação. Florianópolis, Santa Catarina, 2006. Disponível em:<
<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/88563>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

JACCOUD, Luciana. Racismo e República: O Debate sobre o Branqueamento e a Discriminação Racial no Brasil. In: **As Políticas Públicas e a Desigualdade Racial no Brasil: 120 anos após a Abolição**. Mário Theodoro (org.). Brasília: IPEA, 2008.

MULLER, Tania Mara Pedrosa. **Livro didático, Educação e Relações Étnico-raciais: o estado da arte**1 Textbook, Ethnic-Racial Relations and Education: a review. Educar em Revista. Curitiba, Brasil, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.57232>>. Acesso em: 22 fev. de 2021.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati e PINTO, Regina Pahim. **De olho no preconceito: um guia para professores sobre racismo em livros para crianças**. São Paulo: DPE/FCC, 1990.

NOGUEIRA, Maria Alice e Nogueira, Cláudio Marques M. **Revista Educação. Especial Biblioteca do professor**. Disponível em: <
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3892611/mod_resource/content/2/B.aula2_grupo4_A_arbitrários_Cultural_NOGUEIRA.pdf> Acesso em: 30 abr. 2021.

GOMES, Regina. Psicoviver. **Direitos Humanos e psicologia**. São Paulo. Disponível em: <https://www.psicoviver.com/artigos/nelson-mandela-direitos-humanos-e-psicologia/>. Acesso em: 30 ago. c2022.

ROSEMBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirley; SILVA, Paulo Vinícius Baptista. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**. São Paulo: USP, v.29, n.1, p. 125-146, jan./jun. 2003. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a10v29n1.pdf> >. Acesso em: 12 nov. 2021.

RUSSO, Ralph Franco Mattos. **Contribuições para o estudo da imagem dos negros: avanços e permanências das imagens utilizadas nos livros didáticos de história, pós implementação da lei 10.639/03**. 128 f. Dissertação (Mestrado em Processos Formativos e Desigualdades Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2012. Disponível em: <
<http://www.btdt.uerj.br/handle/1/9943>>. Acesso em 12 nov. 2021.

SÁ, Wellington Santana Moraes de. **A presença do negro no livro didático de história do ensino fundamental: uma primeira análise**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Educação. 31 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. 2010. Disponível em: <
<http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/WSMS2010.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

SILVA, Ana Célia da. **A representação Social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou?** Salvador: EDUFBA, 2011.

SILVA, Neide Cristina da. **Resistência na Casa Grande**: história e cultura afro-brasileira na educação de adultos. Dissertação de mestrado em Educação - Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/531>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista. Produção de livros didáticos no Brasil. In: _____. **Racismo em livros didáticos**: estudo sobre negros e brancos em Livros de língua Portuguesa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 107-135. 2008.

SIMIELLI, Maria Elena e CHARLIER, Anna Maria. **História 5º Ano** - 4ª Série. São Paulo: Ática, 2018. (Coleção Projeto Ápis)

SOUZA, Suely dos Santos. **O livro didático e as influências ideológicas das imagens**: por uma educação que contemple a diversidade social e cultural. 188 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UEFS_54f13f8ccf2fecb76887e4a9279f5b45>. Acesso em: 12 mai. 2021.